

ENS

ENCONTRO NACIONAL SCE/AE

ITAICI

13/16/MAIO/2019

OS SACRAMENTOS DA ORDEM E DO MATRIMÔNIO NAS ENS

1. APRESENTAÇÃO

Na alegria deste Encontro, pedimos licença para nos apresentarmos rapidamente. Somos Silvia e Chico, casados há 46 anos, dois filhos, uma nora, um genro e duas netas. Estamos nas ENS há 42 anos e não temos atualmente nenhuma função dentro do Movimento. Moramos em Sorocaba, que está bem perto daqui. Silvia é professora aposentada e Chico é advogado e continua na ativa já com 48 anos de vida profissional. Vimos até vocês despojados de qualquer título e estamos inteiramente na dependência da providência de Deus e da iluminação do Espírito Santo. Assim, num breve instante de silêncio, nos entregamos nas mãos do Senhor.

2. INTRODUÇÃO

Lu e Nelson, e o Padre Renato, nos pediram para lhes falar sobre os Sacramentos da Ordem e do Matrimônio nas ENS, e pensamos sinceramente que eles nos colocaram num grande embaraço. Assim, diante de uma plateia tão qualificada como a dos senhores sacerdotes e demais Conselheiros e Conselheiras, não teremos a pretensão de abordar sob o ponto de vista de uma teologia dogmática desses dois sacramentos. E ainda, falando neste último dia, corremos o risco de repetir coisas já ditas nas palestras anteriores.

O que nos parece possível é enveredar pela vivência da prática, naquilo que une esses dois sacramentos no concreto da vida nas ENS, buscando analisar seus pontos de aproximação, ou suas afinidades, como preferia dizer o Pe. Caffarel. Trazemos algumas reflexões leigas, do que estes sacramentos podem ajudar os casais cristãos unidos pelo sacramento do

Matrimônio e também ajudar os sacerdotes enquanto exercem no Movimento uma parcela da sua função ministerial.

Pedimos a compreensão das queridas irmãs conselheiras e de outros conselheiros não ordenados, porque toda a exposição será basicamente direcionada aos casais e aos padres, embora muitos conceitos mais gerais relacionado com as funções possam ser aproveitados por todos.

3. SITUANDO O TEMA NA HISTÓRIA E VIDA DAS ENS

Perdoem-nos, mas precisamos retornar brevemente à história das ENS, ao seu nascimento lá em 1939. Quatro casais e um padre. O casal é uma peça chave nas ENS. Havia uma inquietude nesses casais: descobrir como conciliar o amor tão humano do casal, cheio de cuidados e preocupações do cotidiano com a busca do amor de Deus. Buscaram o auxílio do sacerdote, mas não havia uma resposta pronta. Veio então a proposta: Vamos procurar juntos! Ah, esta é uma frase emblemática. Mais do que indicar uma união de esforços para essa busca, representava um entregar-se dos casais e do sacerdote nas mãos de Deus. Buscar a Deus, entender o seu amor!

Não iremos pesquisar as causas, mas fazer apenas uma constatação: nessa época, o matrimônio cristão estava em baixa, quase um sacramento de segunda categoria, que colocava os cônjuges longe do caminho da santidade. Santidade era algo destinado precipuamente aos membros do clero, aos religiosos e religiosas. A união carnal dos esposos era vista com suspeitas, e quase toda a teologia da época era de caráter prioritariamente moral e acentuava os perigos da carne e sua conotação pecaminosa. Matrimônio era apenas remédio para a concupiscência.

Nós tivemos o privilégio de participar do II Colóquio Internacional sobre o Pe. Caffarel – Profeta para o nosso Tempo, ocorrido em Paris, nos dias 7 e 8 de dezembro de 2017. Esse colóquio tinha por objetivo tornar a figura e o pensamento do Pe. Caffarel mais conhecidos, e assim colaborar para a causa de sua canonização. Nós já conhecíamos Jean Allemand, que foi secretário do Pe. Caffarel e que escreveu o livro “Um homem arrebatado por Deus”, mas nesse evento fizemos parte do mesmo grupo que se apresentou durante o Colóquio. Ele abordou em sua exposição um

detalhe que ninguém conhecia e que, segundo nos parece tem tudo a ver com o significado cristão dessa expressão “Vamos procurar juntos”. Ele revelou que, a respeito da fundação do Movimento, ele mesmo ouviu da boca do Pe. Caffarel versões variadas. De quem foi a iniciativa: dos casais ou do Pe. Caffarel? E concluiu: é difícil decidir sobre isso. Mas ele também contou que teve acesso a uma correspondência entre duas esposas do 1º grupo, Rozen de Montjamont e Madeleine d’Heilly, correspondência esta que foi piedosamente guardada pela filha de uma delas. Pelo teor dessa carta, além de concluir que a iniciativa foi dos casais, essas duas que senhoras estavam à frente do grupo, tinham uma preocupação. Quem iriam convidar para acompanhar o grupo? Elas pensaram na pessoa do Pe. Caffarel, mas não sem alguma reticência, porque conheciam sua forte personalidade. Elas temiam que ele ocupasse todos os espaços. E dizem: “É preciso desde o início evitar que as reuniões se tornem audição respeitosa do padre”. A verdade, porém, é que esse temor se esvaziou diante do desejo maior de ter o Pe. Caffarel como acompanhador e guia. Temos para nós que o Pe. Caffarel também se deu conta dessa preocupação das senhoras, diante do que a frase: “Vamos procurar juntos” adquire ainda maior valor e significado.

O entrosamento entre os grupos e os seus conselheiros, curtido ao longo dos anos, na experiência da vida de cada equipe, levou casais e sacerdotes a se compreenderem, a se ajudarem mutuamente e a se amarem de verdade. A compreensão recíproca, dos padres para com os casais, que passaram a conhecer as grandezas e as lutas da vida conjugal, e dos casais para com os padres, levou um dia ao episódio que está narrado no livro A MISSÃO DO CASAL CRISTÃO, transcrita da conferência do Pe. Caffarel em 1959, denominada VOCAÇÃO E ITINERÁRIO DAS ENS. Ele assim diz: “Não menos evidente tornou-se a meus olhos a fecundidade da colaboração entre sacerdotes e casais. Não somente aos meus olhos, mas também aos deles: um deles compreendeu bem esse ponto, quando um dia, em sua oração, agradecia a Deus ‘o “casamento” de nossos dois sacramentos”.

E continuava dizendo: “Cada um leva sua riqueza: o padre, seus conhecimentos sobre o matrimônio e o conjunto da doutrina cristã; os casais sua experiência primaveril do amor e do casamento (IDEM, pág. 50).

Se o casamento é um “grande mistério”, conforme proclama São Paulo, só o olhar da fé pode penetrar sua divina riqueza.

4. ALGUNS LAMPEJOS DO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

No documento Guia das ENS, no capítulo III, ali se trata da RAZÃO DE SER DAS ENS e diz com ênfase: A razão de ser das ENS é ajudar os casais a descobrir as riquezas do sacramento do matrimônio e viver uma espiritualidade conjugal.

Os casais equipistas acreditam (ou deveriam ser levados a acreditar) no ideal do casamento cristão e querem ser testemunhas do matrimônio na Igreja e no mundo.

Na doutrina do matrimônio cristão está assentado que a mulher para o homem, e o homem para a mulher, não são somente um reflexo, mas um sacramento do amor divino. O amor está no centro do casamento cristão. O matrimônio, ensina Pe. Caffarel “é o único capaz de aliar a transcendência e a imanência, na medida em que o ser amado é recebido como dádiva de Deus”.

O Matrimônio, na visão do Pe. Caffarel, merece que também seja visto em seu aspecto místico, naquilo que o coloca em relacionamento com o mistério de Cristo, por ser doação e oferta, por ser permanente e fiel, por se colocar a serviço, tal como Jesus Cristo nos deu exemplo.

O sacramento do matrimônio convida para uma espiritualidade específica, que não é cópia, nem imitação da espiritualidade de outros estados de vida, entre elas a espiritualidade dos monges.

A união conjugal é uma maneira particular de se unir a Deus, e suas variadas formas de expressão encontram fundamento no sinal sacramental do matrimônio. No Encontro Nacional realizado no ano de 1997, nesta mesma casa, durante a Missa de encerramento Frei Ivo Theiss da coordenação de Mafra – SC, em sua homilia proferiu as seguintes palavras “No texto preparado pelo CELAM para o Sínodo das Famílias ali foi assim dito: Todos os atos conjugais, desde a carícia, o carinho, o abraço, o beijo até a doação corporal contém uma densidade sacramental incomparável”. E Frei Ivo continuou: diz um autor brasileiro que quando o Sacerdote está no altar e diz para o pão e para o vinho “Isto é o meu Corpo”, doando o corpo de Cristo para a santificação de cada

Cristão, assim, no mesmo altar do leito conjugal, está o marido, esta a esposa, num estreitamento incomparável, onde um quer ser para o outro, tão outro que ele se perde. Neste momento, marido e mulher poderão dizer: "isto é o meu corpo". E assim, os dois realizam a comunhão e nela a Eucaristia, a ação de graças, a benção que sobe da terra ao céu. Enfim, dois amores de deus se tornam um só, por força da livre doação de um homem e de uma mulher. Diz São Paulo: grande sacramento, grande mistério. Agora eu o entendo porque o compreendo à luz da doação do corpo de Jesus a sua igreja".

Um último traço que queremos salientar é que, no pensamento do Pe. Caffarel, o matrimônio tem de estar em constante laço de afinidade com os outros sacramentos, principalmente com o Batismo, a Eucaristia, a Ordem e o Sacramento da Reconciliação. Sem isso, o Pe. Caffarel asseverava que será difícil compreender o caminho da graça que Jesus Cristo oferece aos cônjuges. Estes são vínculos eclesiais que na vida do casal unido pelo sacramento do matrimônio não podem ficar em apartado, como se o matrimônio e sua graça específica trouxessem todas as garantias para uma vida espiritualmente plena.

5. O "CASAMENTO" DE NOSSOS DOIS SACRAMENTOS: ORDEM E MATRIMÔNIO

Justamente por serem sacramentos, Ordem e Matrimônio são manifestações concretas da presença de Cristo. Uma presença que se manifesta primeiramente sobre a própria vida dos seus beneficiários: para os padres no seu sacerdócio, para os casais no seu matrimônio.

Ambos colocam seus beneficiários numa condição de perenidade, que lhes exigem um compromisso definitivo, com os deveres e a dignidade próprias desses sacramentos.

Ordem e Matrimônio são, portanto, perpétuos e exclusivos, ou seja, são totalitários, porque entram nessa totalidade todos os componentes da pessoa humana, a chamada do corpo e do instinto, força do sentimento e afetividade, aspiração do espírito e da vontade.

Vincula o sacerdote com sua Igreja para sempre, assim como o casal se liga indelevelmente entre si até a morte: não separe o homem, aquilo que Deus uniu.

Não se pode compreender a Ordem ou o Matrimônio sem a condição da fidelidade. Deus ama a todos nós com um amor definitivo e irrevogável, de forma que, participando sacramentalmente desse amor através da Ordem e do Matrimônio, padres e casais se tornam testemunhas e guardiões desse amor fiel.

Ambos igualmente se abrem para a fecundidade. Se para o casal, essa fecundidade é humana, procriativa do gênero humano, para o sacerdócio essa fecundidade adquire a natureza e dimensão espiritual, gerando filhos para Deus e para sua Igreja na terra.

Consequência óbvia dessa fecundidade, padres e casais são também os educadores da fé e abertos ao serviço da vida.

Por fim, podemos colocar como traço comum desses dois sacramentos a sua especial destinação para a santidade. Se, antes do Concílio, pudesse ter havido uma distinção no convite para santidade, isso já não é mais possível de se pensar. Quanto ao matrimônio, lembra-se a postura dos ensinamentos pós-conciliares, em especial a “Gaudium et Spes”, os escritos do Santo Papa João Paulo II e mais recentemente o Papa Francisco em “Amoris Laetitia” e “Gaudete et Exsultate”, esta última um chamado específico à santidade.

Enquanto o casal constitui com sua família uma pequena “ecclesia”, a realidade sacerdotal se faz muito presente em sua vida, na sua missão de ensinar e reger os filhos na fé, e no seu modo de viver a sua missão na Igreja e no mundo

6. ORDEM E MATRIMÔNIO PODEM ENSINAR-SE MUTUAMENTE

Talvez nas ENS, muitos casais mostrem ao padre uma plenitude de sua felicidade. O Pe. Caffarel dizia que é justamente isso que Cristo pede que seu padre sacrifique. “Como pensar justamente nisso, ou seja, aquele que renunciou ao amor conjugal e a paternidade, seja precisamente aquele que tem o poder de reanimar a chama do amor entre os cônjuges? Que paradoxo? Não verdadeiramente um paradoxo, mas essa misteriosa correspondência entre a Ordem e o Matrimônio. Evidentemente não é por desprezo que o padre se abstém de formar uma família. Ao contrário é um devotamento. Através desse sacrifício Deus abençoa o rebanho por inteiro. A renúncia de um explica a pureza e o fervor do amor dos outros.

Nesta perspectiva, aparece com evidência que padre e casal devem se compreender, se dar suporte. O padre, de sua parte, não será ciumento da felicidade e da plenitude de vida dos casais, mas estará feliz por ver frutificar as bênçãos divinas que sua vocação faz solicitar para eles, desde a manhã até a noite, completando a reza de seu breviário” (LE FOYER ET LE PRÊTRE – Pe. Henri Caffarel)

Evidentemente, apesar dos pontos de convergência ou de afinidades, cada um desses sacramentos tem sua razão própria de existir, com objetivos específicos e próprios para cada um. Não vamos entrar na apreciação teológica dessas especificidades, até porque nas palestras anteriores muita coisa disso já foi tratada. O que nos interessa dizer, nesta oportunidade, é que estes sacramentos não são excludentes e, muito ao contrário, podem na verdade se complementar.

É essa a ajuda mútua que se observa na vida das ENS. Padres e casais assumem o amor incondicional como projeto de vida, de forma que podem se estimular e aprender uns com os outros a como se manterem fiéis a esse compromisso assumido livremente. Os padres podem aportar o seu conhecimento teológico, explicar como utilizar os meios disponíveis, anunciar aos casais os segredos da fé, enquanto que os casais podem ensinar os padres com a experiência de sua unidade vivida no concreto do seu amor recíproco e no cotidiano da vida, enfrentando os desafios da conjugalidade e da vida familiar. Afinal, o matrimônio é lugar de grandes alegrias, mas também de enormes sacrifícios.

Com efeito, no seio do casal o seu comprometimento gratuito para o bem estar do outro e dos filhos pode ser um exemplo e estímulo para os sacerdotes alicerçarem seu trabalho ministerial. De uma parte os padres acompanham os casais no difícil discernimento que eles são chamados a fazer a cada dia e, de outro lado, a convivência com casais que rezam e que se amam, que assumem com interesse seu sacramento do matrimônio, ajuda os padres a exercer seu ministério em maior profundidade e com renovado dinamismo.

Creemos que isso é doar Deus, é doar a vida uns aos outros, padres para os casais, e casais para seus padres. São inúmeros os testemunhos que em nossa trajetória, como responsáveis pelas ENS no Brasil e como

membros da ERI, ouvimos de padres e bispos, além de pronunciamentos oficiais dos nossos Papas.

Paulo VI, falando às ENS, dirige-se aos sacerdotes e diz que eles não cedam à tentação de estarem perdendo seu precioso tempo, pois sua evangelização se multiplicará na sociedade. Mais recentemente, em 2015, o Papa Francisco diz textualmente: “a fecundidade recíproca do encontro que vós viveis nas equipes com os padres que vos acompanham, é fonte de riqueza no aprendizado, na partilha, tudo como ajuda e reconforto de amizade”.

É igualmente verdade que nós, equipistas, nesse encontro profundo com nossos padres, aprendemos deles e nos encantamos com sua prudência, com a arte de esperar, com a docilidade ao espírito. Essa convivência nos permite compreender e enxergar o padre como PAI E COMO IRMÃO ao mesmo tempo.

Nesse doar Deus, e doar a vida uns aos outros, podemos constatar a poderosa transformação que provém da união de padres e casais numa pequena comunidade eclesial, chamada ENS. Isto nos dá a possibilidade de construir comunidades cristãs abertas, diferentes e complementares.

Mas se é verdade que podemos compreender ao mesmo tempo o padre como pai, encontramos nele o irmão que nós queremos também ajudar. Mas não podemos negar, que nós casais esperamos que para nós ele seja, sobretudo, padre!

“Padre, reconciliador, mediador, palavras equivalentes que são as chaves do mistério de Cristo. Refazer a aliança entre Deus e a humanidade, restabelecer a ordem violada, através do perdão que ele obteve com seu sacrifício, como se reconstrói uma catedral destruída, ele mesmo sendo a pedra angular, eis toda a missão sacerdotal de Jesus Cristo, a luz pela qual é preciso contemplar as cenas da vida” (Pe. Caffarel em LE FOYER ET LE PRÊTRE).

“As crianças da Galileia o seguem e o molestam, mas ele os acolhe, acaricia suas cabeças e os abençoa: abençoar, função sacerdotal.

Ao contato com a pureza em pessoa, uma mulher descobre bruscamente as trevas de seu coração. Ela chora, ela se desculpa, ela espera. “Tua fé te salvou, teus pecados estão perdoados”. Perdoar, função sacerdotal.

Sentado na montanha, o Mestre fala às multidões; o entusiasmo as arranca de sua tarefa. Ele faz um sermão inesquecível: pregar, ensinar, função sacerdotal.

Após uma jornada fatigante, ele manda seus discípulos descansar, mas ele, respondendo a um apelo do mais profundo do seu coração, conversa com o Pai: rezar, função sacerdotal.

Ele preside a ceia derradeira, toma o pão, parte-o e o dá a seus apóstolos. Presidir, função sacerdotal.

No dia seguinte, a cruz lhe serve de altar e ele se oferece em sacrifício por amor ao Pai e por amor aos pecadores. Oferecer o sacrifício, a mais alta função sacerdotal” (IDEM – PE. CAFFAREL).

É esta figura sacerdotal que se espera do padre no meio de seus casais, cumprindo a missão de Cristo, e agindo em seu nome.

7. CONCLUINDO

Já nos aproximando do tempo que nos foi destinado, queremos concluir nossa exposição parafraseando um escrito do Padre Caffarel, na revista L'Anneau D'Or, do ano de 1963. Ele também o faz parafraseando um texto do escritor francês George Bernanos, falecido em 1948, e que escreveu um livro chamado “Diário de um Pároco de Aldeia”.

Um pároco de uma cidade pequena, num dia chuvoso, sobe ao alto de uma colina e contempla sua igreja e as casas ao redor, com suas chaminés fumegantes. O pároco tem uma visão derrotista e diz: “Que coisa insignificante uma aldeia! E eu nada mais posso fazer por ela”. E Bernanos diz que, em contrapartida, parecia que a aldeia parecia esperar, sem grande esperança, um pastor a quem seguisse até qualquer lugar improvável, inimaginável asilo. E diz o pároco que sabe bem que isso são apenas ideias loucas, que não se pode tomar a sério, que são apenas sonhos... Partindo dessas ideias surgiu o artigo “Cinco Párocos se interrogam”.

Permitam-se também ir pelo mesmo caminho, em vez de aldeia, uma pequena e talvez insignificante Equipe de Nossa Senhora; em vez de 5 párocos, 5 padres conselheiros espirituais.

Como acontece, às vezes, o padre parece que perdeu seu tempo. Não vê respostas, não vê vitalidade, não vê conversão. É como se olhasse para sua equipe num dia chuva, com os caminhos lamacentos, e sem o brilho do sol.

Todos esses cinco conselheiros são padres excelentes, penetrados de sua responsabilidade, cheios de zelo, mas cada um tem a sua própria ideia no que diz respeito às orientações que, com seu ministério sacerdotal, quer transmitir aos seus equipistas.

a) Primeiro SCE – A intimidade com Deus: Não tenho dúvida, preciso levar os maridos e esposas da minha equipe à religião pessoal, à união com Deus. Fico preocupado com o exagerado formalismo e o legalismo da fé de alguns destes equipistas. Têm devoção sim, mas à lei. Todo meu esforço será apontar exatamente isso: ensinar-lhes, palavra por palavra, passo a passo, que Deus é alguém e que a religião é, acima de tudo, uma relação da pessoa com ele. Convidando-os a esses encontros a sós, a esse coração a coração com Deus, ponho minhas ovelhas no caminho da verdade e da santidade.

b) Segundo SCE – Toda a vida divinizada: Ouvindo seu companheiro padre, diz: é claro, em primeiro lugar Deus e a vida da alma com Deus. O essencial é exatamente isso. Mas será o suficiente? Será que a vida cristã se reduz a essa relação espiritual? Eu penso que união com o Senhor, exige a prática das virtudes e leva ao cumprimento dos deveres. Muito importante será lembrar aos meus equipistas que a graça não se apodera do homem apenas pelo espírito, ela quer também atividades humanas, estender sua vida às relações do cotidiano. É fundamental que cada um traduza, em todos os seus atos, a mesma vida divina que a todos anima. Por isso vou lhes falar de uma espiritualidade encarnada, e tudo o que fazemos com as mãos, com nosso corpo merece ser santificado. Na lógica apostólica, temos de aprender a nos comunicar por sinais, com nossa condição terrena e carnal nos atos do cotidiano, tudo a ser divinizado. Se eu tivesse que justificar minha orientação espiritual, escolheria estas palavras de São Paulo: “Não sabeis que vossos corpos

são membros de Cristo, templos do Espírito Santo? Glorificai, pois, a Deus nos vossos corpos”.

c) Terceiro SCE – Na comunidade da Igreja: O terceiro padre ouviu os dois primeiros e adere sem reservas aos seus dois confrades. Acredita na necessidade da união com Deus e na encarnação dessa união na vida concreta. Mas não fica por aí. E diz: desconfiemos um pouco de uma perspectiva individualista. Os nossos equipistas não são átomos espirituais. O Batismo não só nos incorporou em Cristo, mas também nos agregou na Igreja, que é precisamente o seu corpo. Quando vejo alguns meus equipistas não irem nem mesmo à missa dominical; quanto é difícil convencê-los a assumir engajamentos paroquiais ou comunitários, digo a mim próprio que alguma coisa não vai bem. Como poderia a sua vida espiritual desabrochar se estão fora da comunidade cristã? Como fazê-los tomar consciência da sua indispensável solidariedade eclesial? Preciso lhes fazer compreender que fora do Cristo total, isto é, da Igreja, da grande mas também da pequena comunidade cristã, a salvação não acontece. Não é o cristão sozinho que dá testemunho, mas a equipe, célula e comunidade cristã, na qual reina o amor-caridade. Eu, dizia este 3º padre, tenho forte em mim o grito comovente de São Lucas nos Atos dos Apóstolos: “A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu o que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum”.

d) Quarto SCE – Cristianizar o mundo. O que pensam os três confrades e o que o fazem, este 4º SCE também o faz. Mas obceca-o a preocupação com os outros. Agora há pouco ouvi esta expressão de um casal de minha equipe: Como estamos bem quando todos estamos juntos na reunião. É verdade, mas lhes questiono, e fora delas? Não quero que meus equipistas vivam num gueto, ou formem uma capelinha. Não podem construir sua fé à margem do mundo. Preciso ensiná-los a penetrar nas instituições e nos meios sociais, nos clubes, nos cafés, nas sociedades esportivas e de lazer, nos grupos de jovens e no apoio aos idosos. Aí precisam se portar como cristãos que se apaixonam, que primeíream, como pede o Papa Francisco, cumprindo suas tarefas com alegria e coragem. Assim o jogo tomará outro rumo, e já não terei receio de que a influência desses ambientes destruirá o que lhes ensinei na reunião de

equipe ou o que aprenderam da prática dos PCEs. E conclui o SCE: muitas vezes li esta palavra: “A que posso comparar o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que certa mulher tomou e misturou com três medidas de farinha até a massa ficar toda levedada” (Lc 13, 20-21).

e) Quinto SCE – O casal e seu matrimônio: parcela do Reino de Deus. Este 5º SCE gosta de contemplar sua equipe do alto e com os olhos no alto. Parece que a percebe melhor. Ele vê seus casais como seres humanos que andam, falam, trabalham, se relacionam. Os vê com suas limitações e com suas qualidades, mas os vê como casal. E medita no fato de que cada casal se uniu por amor: É certo, pensa o padre, que eles ainda fazem a distinção entre o amor humano e o divino. “Se se mostrar a eles que não há necessidade de diminuir um para aumentar o outro, que o amor humano leva ao amor divino, e o amor divino ao amor do cônjuge, se eles compreenderem que pelo sacramento, o matrimônio não somente é santificado, mas torna-se também santificante” (Pe. CAFFAREL – MISSÃO DO CASAL CRISTÃO), eles terão encontrado um ponto de partida para fundar o seu lar e viver seu amor a Deus. O Pe. Caffarel gostava de chamar os casais de “foyers”, que em francês tem também o significado de lar, lareira, fornalha. Isso lhe parece tão mais verdadeiro. Todos os seus quatro confrades têm razão no que pensam e agem. Mas onde encontrar o fundamento e a solidez, senão na realidade do ser casal, forjado na graça do sacramento do Matrimônio? O indivíduo é sempre errante, os grupos fazem-se e desfazem-se, ao passo que o casal cristão unido pelo sacramento do matrimônio torna-se um bloco sólido e coerente: o homem com sua mulher, os pais com os filhos, o lar com a casa, a terra, os animais e as ferramentas e isto, muito mais que os indivíduos, é a célula base para fazer da equipe uma pequena Igreja. É preciso ganhar o casal para Deus, dar Deus a eles, consagrar esses “foyers” para que eles se tornem o Corpo do Senhor. Não me basta como padre entrar nas equipes, entrar em suas casas, compartilhar de sua amizade, é preciso fazer com que Deus entre nesses lares, neste homem e nesta mulher que são um só corpo e uma só alma, portanto um casal. Deus entra e aí fará refeição com eles e onde Deus entra e fica, tudo se transforma. Então descobrirão o que fazer para responder as preocupações dos meus 4 confrades anteriores.

E continua: Então poderei morrer tranquilo, pensa o Padre, a minha equipe tem raízes, os casais são a raiz da equipe, da família, do Movimento, da Igreja e do mundo. Uma equipe assim estará unida à terra e ao céu. Descobriram que o seu amor tem origem no amor de Deus.

Bem-aventurados os Conselheiros que compreenderem isso e fizerem suas equipes viverem assim.

Obrigado pela atenção e Deus seja louvado.

Silvia e Chico – Encontro Nacional dos SCE/AE – Itaici – 16/05/2019